



História do Tempo Presente e Agroecologia: Agricultura Familiar e Caminhos de Transformação em Betânia do Piauí/PI

Vanessa Bueno de Castilho¹

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo geral discutir a relação entre História e Agroecologia na cidade de Betânia do Piauí/PI, no Tempo Presente, tendo como parâmetro sua introdução na agricultura familiar praticada pela comunidade Quixadá, no período de 2020 a 2021. As fontes utilizadas para a análise deste estudo são oriundas da história oral desse município, a partir da experiência agroecológica na região. Para a fundamentação da pesquisa, utilizaremos como base estudos que relacionam História e natureza numa perspectiva agroecológica, bem como elementos da História Oral e da História do Tempo Presente que oferecerão recursos metodológicos para nossa análise. A proposta desta pesquisa surgiu a partir da implementação do projeto Quitanda dos Quintais, realizado na cidade sertaneja Betânia do Piauí/PI, a qual se localiza no semiárido brasileiro, com uma população estimada em 7 mil habitantes, e possui cerca de 20 comunidades rurais constituídas por famílias. A aplicação do projeto surgiu, principalmente, porque essas famílias estavam desassistidas financeiramente e sem garantia de emprego devido às restrições sanitárias a nível de pandemia nacional e mundial exigidas pela Covid-19. Tal projeto atende a quatro dessas comunidades rurais e tem por objetivo trabalhar os princípios da agricultura familiar em base agroecológica, a preservação do solo, a reutilização de água, a conscientização dos cuidados com a natureza, a melhora na alimentação, a diversificação de alimentos no cardápio diário, e por fim, a comercialização dos produtos excedentes cultivados pelas famílias em seus quintais, através de cursos de capacitação oferecidos para o desenvolvimento e o aprimoramento agrícola, a fim de que possam aplicar os princípios agroecológicos no cultivo.

Palavras-chave: Agroecologia; Agricultura Familiar; História do Tempo Presente; História Ambiental; Sertão do Piauí.

A princípio, o trabalho realizado por eles se voltou para algumas ações de curto prazo, restringindo-se ao fornecimento de materiais emergenciais, como água, comida e roupas, aos moradores que viviam em situação de pobreza na cidade de Betânia do Piauí/PI. No entanto, percebeu-se que essas ações emergenciais não eram suficientes para mudar a realidade de pobreza e para suprir a falta de expectativa de mudanças vivenciada no sertão daquela região.

Com a proposta de reverter esse cenário, foi elaborado, em 2020, um projeto com ação mais específica, de maneira a instruir os moradores no trabalho com a terra, para que eles pudessem obter seus próprios recursos alimentícios. Para a ação do projeto agrícola, foi criada uma escola de referência na comunidade Quixadá, intitulada Escola Beta, cujo objetivo é

¹Universidade Estadual de Maringá/(UEM). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História Política (PPH/UEM). E-mail: vanessa_bueno@hotmail.com.



proporcionar cursos de capacitação agrícola para os moradores e oportunizar, na prática, em seus quintais, a teoria aprendida em sala de aula e no campo. Sendo assim, com a experiência obtida e em conjunto com os princípios basilares da Agroecologia, acreditamos que o projeto pode contribuir para a formação dos moradores, a fim de transformá-los em autores da própria história, bem como é capaz de auxiliar no desenvolvimento de suas famílias, oferecendo a elas condições para reverter um quadro de pobreza historicamente construído na cidade.

O projeto Quitanda dos Quintais, por sua vez, foi pensado para emancipar a população dos benefícios concedidos pelo governo, numa perspectiva que incentivasse uma sociedade civil ativa e participativa e reduzisse os sinais de desigualdade social. Outra questão pensada para a efetivação do projeto era desconstruir uma crença local de que a terra não era produtiva, e modificar essa mentalidade era fundamental para que o projeto se estabelecesse. Com efeito, ao trabalhar a agricultura familiar com os princípios agroecológicos na conservação e manutenção nutricional do solo, bem como na reutilização da água, foi possível colher alimentos com qualidade, sem o uso de agrotóxicos, foi possível observar a transformação no pensamento em relação à produtividade da terra, quando os resultados do plantio foram vistos na colheita.

Durante uma visita realizada no período de março a maio de 2021, foram verificadas a eficácia do projeto e a atuação dos moradores nos resultados dos plantios. Além do cultivo para alimentação, a comunidade local passou a reunir a produção de cada família e a vender o excedente dos produtos para realizar uma feira de produtores com os alimentos adquiridos do plantio nos quintais, ação que resultou no nome do projeto: Quitanda dos Quintais. Assim, a experiência com a horta orgânica passou do plantio de subsistência alimentar para o beneficiamento dos produtos, por exemplo, a confecção de doces, de compota e de temperos e a utilização de embalagens para a venda e a comercialização, além do atendimento para moradores de outras localidades.

Nos pautamos em Donald Worster, que instaura o diálogo entre História e Agroecologia, o qual pauta a relação do humano com a natureza, para endossar a problematização que trazemos para esta pesquisa. Sobre a História Ambiental, o autor afirma que:

Seu objetivo é aprofundar nossa compreensão de como os humanos têm sido afetados pelo seu ambiente natural através do tempo e, contrariamente e talvez de modo mais importante, na visão da insustentável situação global



atual, como a ação humana afetou o ambiente e quais foram as consequências. (WORSTER, 2002, p. 25).

Nesse sentido, a problemática da pesquisa gira em torno das dificuldades sociais vivenciadas pela comunidade, principalmente com relação à questão histórico-ambiental, e a nossa hipótese consiste em como o projeto Quitanda dos Quintais é uma alternativa para reverter o quadro de pobreza construído, o qual está representado no modo de vida adotado por essas pessoas da comunidade, as quais foram impedidas de protagonizarem sua própria história na obtenção dos meios de subsistência. Acreditamos, portanto, que o projeto encaminha o indivíduo para viver de modo efetivo a sua cidadania, tanto no pensar quanto no agir, aplicando os princípios da Agroecologia no campo dos relacionamentos sociais e com o meio ambiente.

A ciência agroecológica não surge apenas como uma resposta aos questionamentos de como o ser humano pode se relacionar de forma harmônica com os recursos naturais sem causar muitos prejuízos, mas também como uma nova proposta científica e, ainda, como um estilo de vida, isto é, um novo modo de pensar e atuar na sociedade. Segundo Costa (2017, p. 47), “[...] o termo [Agroecologia] surgiu por volta dos anos 1930, formulado por ecólogos, para designar a ecologia aplicada à agricultura”. Complementando a análise de Costa (2017), Gliessman (2000) aponta que é a partir dos estudos dos sistemas naturais de cultivo que foi estabelecida uma base conceitual e metodológica que fundamentou, na Agroecologia, o desenvolvimento do conceito de sustentabilidade na agricultura. Logo,

a ciência agroecológica está fundamentada num referencial teórico e analítico sistêmico, holístico e interdisciplinar, através do qual busca-se conhecer, pesquisar, identificar, validar e difundir princípios, orientações e alternativas que possibilitem se chegar a uma agricultura efetivamente sustentável, em suas dimensões produtiva, ecológica, energética, social, cultural e econômica. (COSTA, 2017).

Portanto, trata-se de uma orientação cujas contribuições vão muito além de aspectos tecnológicos ou agrônômicos da produção, pois ela incorpora as dimensões mais amplas e complexas da sociedade, que incluem tanto as variáveis econômicas, sociais e ambientais como as variáveis culturais, políticas e éticas da sustentabilidade

[...] por se tratar de um processo social, isto é, depender da intervenção humana, a transição agroecológica implica não somente na busca de uma maior racionalização econômico-produtiva, com base nas especificidades biofísicas de cada agroecossistema, mas também numa mudança das atitudes



e valores dos atores sociais em relação ao manejo e conservação dos recursos naturais. CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 12).

Com base na definição desses autores a respeito da Agroecologia e sabendo da importância da atuação histórica e política dos moradores locais por meio da proposta do projeto na comunidade do sertão do Piauí, podemos pensar na intervenção do ser humano na natureza, assim como no tempo em que eles ficaram sem intervir devido às suas crenças de que, por se tratar de uma região no semiárido brasileiro, a natureza teria poucos resultados a oferecer ao trabalho agrícola, isto é, não haveria ação da natureza em favor do ser humano. Vistas as dificuldades de produção alimentar decorrentes das características climáticas, de solo e do conhecimento técnico dos moradores, esta pesquisa se desenvolve no sentido de analisar a intervenção do ser humano na natureza e os resultados sociais, culturais e políticos dessa ação.

Pela abordagem dos autores citados, percebemos que é nesse ponto que a História do Tempo Presente e a História Ambiental se encontram com a Agroecologia, fundindo-se numa perspectiva que altera o modo de pensar e de se relacionar com o meio ambiente na contemporaneidade.

Sobre a História Ambiental e o Tempo Presente, o historiador e pesquisador Donald Worster (2002) afirma que o capitalismo introduziu uma inovação que mudaria a forma como as pessoas se relacionam com a natureza em geral:

o capitalismo criou um mercado de terras [...] todas as complexidades que designamos como “Natureza” foram reduzidas a uma simplificada abstração chamada “terra”. A terra, portanto, tornou-se mercantilizada, vendável, ou seja, uma mercadoria. E por essa razão, poderia ser comercializada sem restrições. (WORSTER, 2002, p. 34).

O modo como o ser humano pensa a economia reflete no modo como ele interage com as outras esferas da sociedade, inclusive no campo ambiental. A interação exploratória dos recursos ambientais também é percebida na maneira como ele pratica a agricultura, a saber, de forma a privilegiar a monocultura, a exportação e o esgotamento de solo com dependência de insumos químicos para viabilizar a produção. A respeito da atuação do pensamento capitalista na agricultura, uma definição satisfatória dessa economia de mercado, que capte sua essência moral subjacente, é a de Polanyi (apud WORSTER, 2002, p. 34), que afirma: “a transformação implica em uma mudança nas razões das ações de parte dos membros da

sociedade: por esta razão a produção de subsistência deve ser substituída pela produção que visa o lucro”.

O pensamento científico agroecológico busca refletir, em suas técnicas, a complexidade da biodiversidade das relações, abrangendo todas as dimensões vitais da sociedade e contrapondo-se ao modelo vigente de pesquisa científica, de exploração da natureza e do modo de produção capitalista.

É nesse sentido que a atuação histórica e política dos projetos orientados e fornecidos pelo Instituto Novo Sertão colaboram para a construção de novos saberes e para o desenvolvimento de um ambiente sustentável na comunidade Quixadá e na cidade de Betânia do Piauí, possibilitando aos moradores a conscientização da importância do seu papel histórico como agentes de transformação no meio em que estão inseridos.

Ao pensar na expectativa de construção e desenvolvimento desse cidadão consciente e participativo no processo emancipatório da história comunitária, Isabel de Carvalho (2012) faz a abordagem sobre o ser coletivo, que também pode ser chamado de sujeito ecológico e que corresponde ao modo ideal de ser e viver, bem como é orientado pelos princípios do ideário ecológico. Segundo Carvalho (2012, p. 67), “[...] o sujeito ecológico é um ideal de ser que condensa a utopia de uma existência ecológica plena, e que também implica uma sociedade plenamente ecológica”. Para ela, o ideal de ser e de viver em um mundo ecologicamente correto é constituído por um parâmetro orientador das decisões e das escolhas de vida das pessoas que aderem a esses ideais, os quais elas assumem e incorporam ao procurar experimentar em suas vidas cotidianas as atitudes e os comportamentos ecologicamente orientados.

Mas, afinal, quem é esse sujeito ecológico ideal? Quais são os efeitos que essa identidade produz na vida cotidiana? Como essas práticas se convertem em experiências concretas na vida em sociedade? De acordo com Carvalho (2012, p. 67), o sujeito ecológico, no sentido que empregamos aqui, “[...] é um sujeito ideal que sustenta a utopia dos que crêm nos valores ecológicos, tendo, por isso, valor fundamental para animar a luta por um projeto de sociedade bem como a difusão desse projeto”. Em outra contribuição, a autora afirma que:

O sujeito ecológico agrega uma série de traços, valores e crenças e poderia ser escrito em facetas variadas. Em sua versão política, poderia ser apresentado como sujeito heróico, vanguarda de um movimento histórico, herdeiro de tradições políticas de esquerda, mas protagonista de novo paradigma político-existencial. (CARVALHO, 2012, p. 67).



Podemos perceber, então, que o sujeito ecológico é alguém que tem seus valores e ideais bem esclarecidos, tanto os pessoais quanto os de ordem coletiva. É um indivíduo com senso crítico e político desenvolvido a ponto de se tornar o portador de sua opinião e ser relevante na construção de uma sociedade local consciente da sua história e do seu valor.

O alinhamento da abordagem histórica do Tempo Presente com os princípios e técnicas da História Oral, levando em consideração, também, as perspectivas educacionais da História Ambiental, será de grande importância para fundamentar o desenvolvimento deste estudo, proposto a partir da experiência na comunidade sertaneja Quixadá, no Piauí. Diante disso, nosso problema de pesquisa se configura, em grande medida, pelo fato de que, nessa região, embora exista a cultura agrícola familiar que se encaixa dentro do modelo de subsistência e de monocultura, ainda há a necessidade de os moradores da cidade voltarem o olhar para a sustentabilidade da preservação ambiental, para o desenvolvimento comunitário e para a geração de renda, dentro da economia solidária, que são pontos que a ciência agroecológica traz como fundamentais em sua metodologia. Por esse motivo, os dados socioeconômicos da região, no período anterior à implantação do projeto de Agroecologia, serão confrontados com os dados já disponíveis que expõem a mudança histórica nessa localidade, evidenciando a efetividade da introdução de outra forma de desenvolvimento econômico.

Para fundamentar nossa pesquisa, utilizaremos autores que compartilham do pensamento de que a conexão da humanidade com a natureza é a condição para assegurar uma qualidade de vida melhor, tanto em âmbito pessoal quanto coletivo, sendo crucial, portanto, uma perspectiva que leve em consideração a transformação do ser humano, bem como sua intervenção menos danosa na natureza. Para tal, temos como base pesquisadores que ressaltam a importância do processo de construção histórica de uma sociedade a partir das relações dos indivíduos com o meio ambiente, mais especificamente, com a agricultura familiar, e em como tais relações expressam a sua interação.

A proposta deste projeto requer, portanto, uma abordagem que explore os conceitos teóricos que envolvem a Agroecologia, a História Oral e a História do Tempo Presente, bem como a interdisciplinaridade com a História Ambiental.

No intuito de analisar a relação histórica dos moradores da comunidade Quixadá com a natureza, mediante seus meios agricultáveis, e entendendo a relevância da interação da História Ambiental com a História do Tempo Presente, os autores Arruda e Colacios (2019)



citam a importância do estudo sobre a História Ambiental, de modo a identificar a sua atuação na construção da sociedade atual a partir da experiência no passado.

[...] A História Ambiental realizada no Tempo Presente tem como possibilidade analítica a compreensão dos limites éticos dos seres humanos do passado e apontar os transgressores e culpados. Evidentemente, não se trata de fazer um tribunal histórico à luz do presente, mas de utilizar o próprio passado e os seres humanos que nele viveram para apontar as violações ético-políticas. (ARRUDA; COLACIOS, 2019, p. 76).

O estudo da História Ambiental possibilita a visualização da interação do ser humano com a natureza em tempos passados e suas consequências, assim como sua interação no Tempo Presente. Segundo o autor José A. Pádua (2010, p. 82), em *As bases teóricas da História Ambiental*, o campo da Ecologia deixou de estar apenas dentro da academia e passou a inspirar “comportamentos sociais, ações coletivas e políticas públicas em diferentes níveis de articulação, do local ao global”.

Sendo assim, destacamos, no campo da História Ambiental, algumas produções científicas que influenciam e são influenciadas por essas ações públicas no âmbito da relação humana com a natureza. Os resultados dessas interações podem ser vistos no projeto aqui em destaque e em outros movimentos nacionais e globais que envolvem iniciativas de ensino e pesquisa em Agronomia, Direito Ambiental, Gestão Ambiental, Sociologia Ambiental, entre outros.

A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa será por meio de entrevistas e questionários com os moradores da comunidade Quixadá que participaram do curso de Horta Orgânica na Escola Beta. A utilização desses recursos é possível pela apropriação dos conhecimentos fornecidos pelos autores e pensadores da História Oral e da História do Tempo Presente. O resultado das entrevistas e dos questionários servirão como análise das fontes orais e mostrarão os indicadores das intervenções realizadas por eles e pelos cursos oferecidos na comunidade.

Dessa maneira, a percepção da História no Tempo Presente, possibilitada pelos conceitos da História Oral, vai além do fornecimento de conteúdos e informações, possibilitando processos de formação ao sujeito, o qual é incentivado a instituir novos modos de ser, de compreender e de se posicionar ante os outros, ou seja, a ele são dadas ferramentas para que enfrente os desafios e as crises da contemporaneidade, além de se tornar um agente efetivo de transformação, rumo ao equilíbrio das relações humanas na História.



Referências

ARRUDA, G.; COLÁCIOS, R. Considerações ético-políticas na História (Ambiental): escalas e o presentismo da devastação. **Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC) revista de laSolcha**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 64-94, 2019. Disponível em: <https://www.halacsolcha.org/index.php/halac/article/view/402>. Acesso em: 12 abr. 2022.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA:SAF, 2004.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2012.

COSTA, M. B. B. **Agroecologia no Brasil: história, princípios e práticas**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

DELACROIX, C. **A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras?** Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39-79, 2018.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Tradução: Maria José Guazzeli. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

NASR, S. H. **O homem e a natureza**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

WORSTER, D. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. **Ambiente & Sociedade**, v. 5, n. 2, 2002.

Imagens



Fonte: arquivo pessoal. Março de 2021.



Fonte: arquivo pessoal. Março de 2021.